

Ecoss do não-ser: Bartleby pela perspectiva schopenhaueriana

Fernanda Ferrari Zrzebiela¹

"His poverty is great; but his solitude, how horrible!"
(*Bartleby, the Scrivener*)

"Ah, happiness courts the light, so we deem the world is gay, but misery hides aloof, so we deem that misery there is none."
(*Bartleby, the Scrivener*)

"Por que é que preciso matar todos esses indivíduos que já estão mortos?"
(*Sartre, Erostrato*)

Resumo: Tendo como base teórica os estudos de Arhur Schopenhauer, o presente trabalho objetiva traçar um elo analítico entre a obra *Bartleby, the Scrivener*, de Herman Melville, e os conceitos schopenhauerianos que discorrem a respeito da constituição do indivíduo, enquanto entidade (corpo e mente), no que tange à *vontade* e ao *intelecto*, co-atuantes do *Eu*. Na proposta de leitura aqui apresentada, Bartleby aparece como a personificação do intelecto que, em última análise, acaba por terminar com a manifestação temporal da vontade.

Palavras-chave: Bartleby; Schopenhauer; vontade.

Abstract: Based on theoretical studies of Arhur Schopenhauer, this paper aims to draw an analytical link between *Bartleby, the Scrivener*, by Herman Melville, and some concepts of Schopenhauer, who talks about the constitution of the individual as an entity (body and mind), in relation to *the will* and *intellect*, co-acting of *Self*. In this reading proposed, Bartleby appears as the personification of intellect that ultimately turns out to end the temporal manifestation of the will.

Keywords: Bartleby; Schopenhauer; will.

¹ Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, atualmente aluna especial do programa de Pós Graduação em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. fernanda.fz@hotmail.com

1. O mundo é minha representação

"(...)But he seemed alone, absolutely alone in the universe. A bit of wreck in the Mid-Atlantic."
(*Bartleby, the Scrivener*)

A fim de entender a proposta de leitura aqui apresentada faz-se necessário traçar um breve panorama introdutório a respeito da obra filosófica de Arthur Schopenhauer.

Para tanto, valemo-nos de dois dos quatro livros que compõem sua principal obra, *O mundo como vontade e representação*. A tese básica schopenhaueriana é de que o mundo só é dado à percepção como representação, já que ele é puro fenômeno. A essência (centro) não estaria, então, em seu interior, mas no que o filósofo denomina *vontade*. Logo, todas as coisas decorrentes seriam objetivação dessa vontade.

Importante ressaltar que a teoria de Schopenhauer recebeu influência significativa da filosofia de Kant, que entende a pretensão da razão humana em buscar o conhecimento dessa essência íntima como inalcançável. Já na filosofia de Schopenhauer percebemos o entendimento de que, embora essa essência íntima das coisas esteja encoberta pela representação, ela seria apreendida, em segunda instância, pela intuição. A vontade seria o princípio fundamental da natureza, como um todo, observada, por exemplo, desde o instinto sexual até o ciclo infinito (até onde nossa razão é capaz de entender) de vida e morte.

Influenciada também pelas ideias budistas, a filosofia de Schopenhauer (por muitos entendida como romântica e essencialmente pessimista) vê a vontade como fonte primária do sofrimento. A felicidade seria apenas o instante momentâneo da ausência de infelicidade:

É uma verdade incrível como a existência da maior parte dos homens é insignificante e destituída de interesse(...). Consta apenas de tormentos, aspirações impossíveis; é o andar cambaleante de um homem que sonha através das quatro épocas da vida, até à morte, com um cortejo de pensamentos triviais. Os homens assemelham-se a relógios a que se dá corda e trabalham sem saber a razão. E sempre que um homem vem a este mundo, o relógio da vida humana recebe corda novamente, para repetir, mais uma vez, o velho e gasto estribilho da eterna caixa de música, frase por frase, com variações imperceptíveis. (SCHOPENHAUER, 2002).

Propõe-se, pois, um elo interpretativo que se estende à obra de Melville: descobrimos o drama de *Bartleby* que encena, em si, o drama da nossa própria existência, a partir do momento em que nos percebemos marionetes da vontade. Essa vontade aqui entendida como *una* e coletiva, referente à *specie*. Somos unos com o mundo muito mais do que estamos

acostumados a pensar: sua essência íntima é nossa vontade; seu fenômeno, nossa representação.

2. Negativas da vontade

"(...) *Pallidly neat pitiably respectable, incurably forlorn! It was Bartleby.*"

Ao publicar *Bartleby*, em 1853, Melville trouxe à tona, por meio de um personagem norte-americano comum e de temas como a inserção social e a libertação, uma das facetas características da sociedade em que os elementos que se encontram fora de um plano notadamente majoritário de arquétipos de felicidade são postos à margem. Tais elementos excluídos, humanos ou resultantes destes, acabam, em última análise, sendo absorvidos pelo próprio sistema. Tal sistema acaba por criar mecanismos diversos de controle e absorção do excluído e da exceção.

Como exemplifica ALBERONI (1986), a partir da década de 90 emergiu um novo grupo na sociedade norte-americana, os *singles*. Com a revolução sexual e a crise da família cresceu o número de separados e os que preferiam viver sozinhos para serem mais livres.

A sociedade americana sempre controlou suas tensões internas mediante o mecanismo do isolamento, isto é, classificando as pessoas por grupo étnico, profissão, status social e pedindo-lhes que se associassem. (ALBERONI, 1986)

Por representarem um grupo de risco em potencial para a unidade familiar já em crise, esse grupo de comportamentos sexuais distintos e promíscuos para os moldes familiares aceitáveis acabou por situar-se numa zona própria, com características e lugares para freqüentação próprios.

Bartleby aparece como figura excluída por preferir não tomar parte num sistema social em que cada indivíduo desempenha seu papel pré-designado por heranças também histórico-culturais. Em contraponto à parede de tijolos, vista para a qual a janela do escritório se abre (local em se passa a maior parte da narrativa), Bartleby *prefere* não assumir seu lugar nesse molde pré-arquitetado e socialmente estabelecido.

A escolha verbal nos parece provocativa: preferir pressupõe uma escolha entre opções expostas. Bartleby escolhe *não ser*.

De forma contrastiva a essa negação de identidade, temos a figura do patrão, senhor de certa idade que desde o início de sua fala se mostra como um homem que prefere uma vida

descomplicada e serena à novos desafios de conquista, à revelia do que a sociedade capitalista defende de maneira incisiva.

Portanto, se considerarmos Bartleby como a figura de um homem comum, teremos de um lado um indivíduo que se recusa de modo reiterado, apesar de educado; e do outro, um indivíduo (seu patrão) que recusa de modo abafado e silenciado, numa *estagnação*. Qual seria a diferença entre ambos?

Schopenhauer sustenta que a vida do homem se estabelece numa constante luta contra a necessidade e o tédio. Talvez a principal diferença entre ambos seria a de que Bartleby não pode ser entendido tão somente como uma figura representativa do homem, já que o homem *necessita* da insatisfação. Bartleby estaria no meio do caminho? Nem de um lado, nem do outro, Bartleby não se encontra estagnado porque não cria situações de necessidade, parece não tê-las. Não se trata de uma resignação característica do que a sociedade denomina *loser* nem, contudo, o que entendemos por um nível de estagnação ou simplesmente falta de ambição, como talvez seja o caso do patrão de Bartleby na narrativa.

Somos condenados à morte, mas também à vida. É em Bartleby que observamos um vislumbre de liberdade, se considerarmos que suas constantes negativas que terminam por fim, na morte, seriam uma maneira manifesta de atitude libertadora. Suas negativas desorganizam as prerrogativas de vida socialmente pré-estabelecida, não apenas no que tange às hierarquias:

(...)mas também aquilo que as sustenta: as ligações entre causas e os efeitos que delas se pode esperar, entre comportamentos, as motivações que lhes podem ser atribuídas e os meios que se tem para infletir-los. A fórmula leva à catástrofe, a ordem causal do mundo que rege aquilo que se denominará, em termos schopenhauerianos, o mundo da representação.(RANCIÈRE, 1999)

De acordo com as prerrogativas do conceito barthesiano de silêncio, FILHO (2007) sugere uma análise do discurso de Bartleby em dois níveis: “(A) morte social-verbal: perturbadora, na busca de um discurso igualitário; (B) morte social-física: vista como uma forma de libertação, de busca de tranquilidade e, até mesmo, de uma forma de divindade”. (FILHO, 2007)

A colocação da morte de Bartleby pelo seu próprio discurso clivada em duas nos parece oportuna para a análise pretendida, já que a sua morte subjetiva, ainda em vida, a qual decorre

de uma escolha libertadora², o leva à morte factual, objetiva, que nos é assegurada desde o nascimento.

3. Cartas ao fogo: a perspectiva da morte em Bartleby, segundo Schopenhauer

"(...)but his body did not pain him — it was his soul that suffered and his soul I could not reach."

Yet here I hardly know whether I should divulge one little item of rumor, which came to my ear a few months after the scrivener's decease. [...] The report was this: that Bartleby had been a subordinate clerk in the Dead Letter Office at Washington, from which he had been suddenly removed by a change in the administration. When I think over this rumor, hardly can I express the emotions which seize me. **Dead letters? does it not sound like dead men?** Conceive a man by nature and misfortune prone to a pallid hopelessness, can any business seem more fitted to heighten it than that of continually handling these dead letters, and assorting them for the flames? For by the cart-load they are annually burned. Some times from out the folded paper the pale clerk takes a ring — the finger it was meant for, perhaps, moulders in the grave; a bank-note sent in swiftest charity — he whom it would relieve, nor eats nor hungers anymore; pardon for those who died despairing; hope for those who died unhoping; good tidings for those who died stifled by unrelieved calamities. On errands of life, these letters speed to death. Ah, Bartleby! Ah, humanity! (MELVILLE, 1998, Grifos nossos).

As cartas atiradas ao fogo somos nós, cuja existência já nasce marcada para a morte.

A vida do homem pode ser lida como uma transição efêmera entre um passado irreversível e um futuro incerto e fantasioso. Como nos assegura Schopenhauer, “Só os animais vivem de fato o presente” (SCHOPENHAUER, 2002).

Para Platão só as ideias (*species*) têm como atributo uma existência verdadeira; quanto aos indivíduos, cabe-lhes apenas um nascer e perecer incessante.

A natureza (ousadia afirmar, a exemplo do capitalismo?) segue um roteiro conhecido, em que somos parte de um funil cíclico de uso/desuso, valor/desvalor. Resgatando a cultura oriental, a Natureza atua semelhante à Krishna, em *Bhagavad-Gita*: morte/vida não importa em nada, é esta sua afirmação. Casos seus filhos sucumbam, recaem em seu seio. O binômio morte/vida traz consigo a efemeridade necessária que caracteriza o ciclo vicioso do qual fazemos parte. Esse ciclo prossegue, mesmo após a nossa morte.

²lê-se libertadora no sentido ilusório visto que, seguindo a linha de análise schopenhaueriana o sujeito do conhecimento desaparece com a morte da consciência mas a essência íntima (vontade) continua a existir.

Empédocles, no livro *Adversus Coloten*, nos diz que “antes e depois da morte somos um nada”. Não se trata, entretanto, de um nada absoluto. Antes e depois da morte, fazemos ressalvas a nosso estado vivente no mundo, bem como acerca do nosso destino fora dele, para além da morte. Mesmo com a consciência de que, desde o nascimento, somos fadados à morte, sentimo-nos eternos. Vale-nos a citação de Spinoza que assim exprime: *sentimus experimurque nos aeternos esse*³.

Schopenhauer sustenta que se há algo que não se destrói pela nossa morte é pensar que o nascimento não é o começo da nossa existência. Essa parte indestrutível não é o indivíduo em si, mas algo coletivo (essência da espécie). E a essência verdadeira das coisas permaneceria ileso.

Portanto, não seria no indivíduo, mas na espécie, que se enraizaria com tanta energia e força a vontade de vida. O maior dos nossos equívocos residiria no eu: “a morte é meu fim absoluto” ou “não sou mais que uma parte pequena do mundo”. Não somos o centro, tudo continua a existir mesmo após a nossa morte.

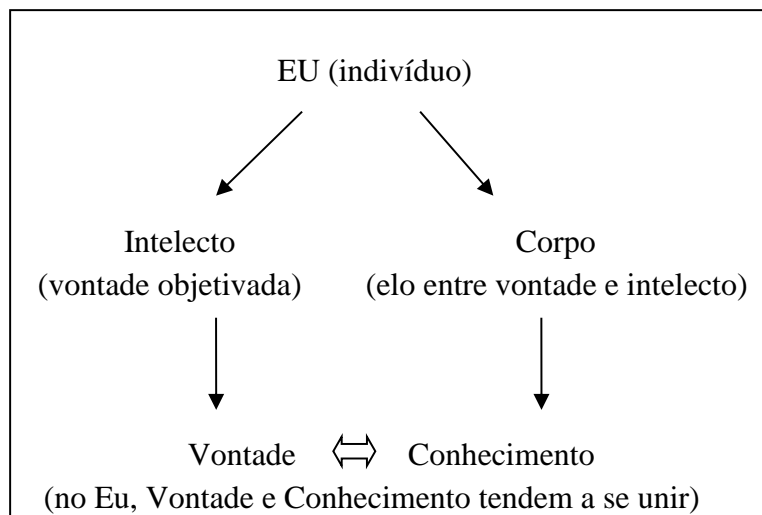
Ainda, segundo Schopenhauer, o temor da morte teria sua origem na *vontade*. Logo, para um ser que apenas *conhece* (a exemplo de Bartleby) a morte seria indiferente e bem vinda. Neste caso, o único elemento do nosso ser capaz de temer a morte (a vontade) não seria atingido, tornando o sujeito indiferente ao ser/não-ser.

Por essa linha de análise, podemos entender Bartleby como a personificação desse sujeito do conhecimento, o intelecto, que existe na sua relação com o mundo da representação (mundo objetivo e material).

O sujeito do conhecimento pode ver com indiferença o ser ou o não-ser de cada coisa e mesmo o seu próprio. Ele termina com a manifestação temporal da vontade, “a lanterna que se apaga, já que prestou seu serviço” (pelo nascimento) (SCHOPENAUER, 2002).

Ainda, nessa perspectiva, podemos traçar os conceitos aqui tratados da seguinte maneira:

³ “sentimos e experenciamos que somos eternos”.



Considerando que, o sujeito do conhecimento (entendido aqui enquanto instância componente e co-ativa no indivíduo) vive enquanto há consciência, com a morte desta, avultar-se-ia o seu fim.

Os eventos constitutivos desse ciclo natural de nascimento e morte proporcionariam, então, a constante renovação dessa vontade, cuja natureza não comporta nem começo nem fim. Cada renovação traria consigo uma nova possibilidade de negação da vontade de vida.

O temor da morte aparece, então, a partir de uma aparência ilusória constante na convicção de que o eu desaparece enquanto o mundo permanece; e ainda, esse temor dependeria da pena com que a vontade individual se separa do intelecto. Em Bartleby encontramos uma exacerbação desse intelecto com a negação da vontade.

Com a morte, sucede a cessação do intelecto e com ele o mundo objetivo (material), muito embora em outros cérebros continue a existir um mundo semelhante mas é indiferente ao intelecto que deixa de existir.

Como defende Schopenhauer:

se a verdadeira realidade não estivesse na vontade (subjetivo) naquilo que se estende além da morte, assim como o intelecto que se extingue o mundo e as coisas não seriam mais que uma sequência infinita de sonhos breves e sombrio, sem ligação. (SCHOPENHAUER, 2002)

Pela teoria schopenhaueriana, o fato de o homem limitar toda a realidade à própria pessoa, presumindo existir apenas em si e não nos outros, consiste no egoísmo coletivo comungado pelos homens. É por essa espécie de altruísmo que Schopenhauer entende a morte como a grande ocasião de não ser mais o *eu*, apenas um, mas de tornar-se *todos*: “Porque me

inquietar com a perda dessa individualidade se trago em mim a possibilidade de inumeráveis individualidades?” (SCHOPENHAUER, 2002).

Durante toda vida a vontade do homem é sem liberdade. Nossa faculdade do conhecimento é dirigida ao exterior, o homem conhece a si mesmo apenas como indivíduo tal como se apresenta à percepção externa. A morte rompe seus laços tornando a vontade de novo livre.

Como já foi defendido, conclui-se que Bartleby escolhe desaparecer gradativamente a partir de suas negativas de *ser* que denotam sua escolha diante da condição da existência: não se trata de conformismo diante o ciclo rítmico natural do qual fazemos parte, queiramos ou não, mas de um vislumbre de libertação.

Bartleby encarna o retorno ao seio da natureza, reforçando a idéia de morte como *cessio bonorum*⁴ do ser vivente: ofuscados pela idéia (mesmo que ilusória) de libertação, o *ser* (que em Bartleby já havia deixado de ser, subjetivamente) regressa à morada natural de quando ainda *não era*, para que a vontade, essência íntima plural, se renove pela morte e assim renasça em outro indivíduo.

Referências Bibliográficas

ALBERONI, F. *O erotismo*. Tradução de Élia Edel. São Paulo: Círculo do Livro. 1988.

FILHO, Mauro Scaramuzza. *Tema e Estilo no Conto Bartleby The Scrivener, A Story of Wall Street, de Herman Melville*. Disponível em <http://www.utp.br/eletras/ea/eletras14/texto/artigo14_3.doc> acesso em 30 de junho de 2011.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, the Scrivener*. A Penn State Electronic Classics Series Publication. Disponível em <<http://www2.hn.psu.edu/faculty/jmanis/melville.htm>> acesso em 30 de junho de 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *Deleuze e a Literatura*. Tradução de Ana Lúcia Oliveira. Matraca, nº 12, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. *O muro*. (O muro, O Quarto, Erostrato, Intimidade e A infância de um chefe), Editora Nova Fronteira.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Da Morte, Metafísica do Amor, Do Sofrimento do Mundo*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

⁴ “cessão dos bons poderes”.